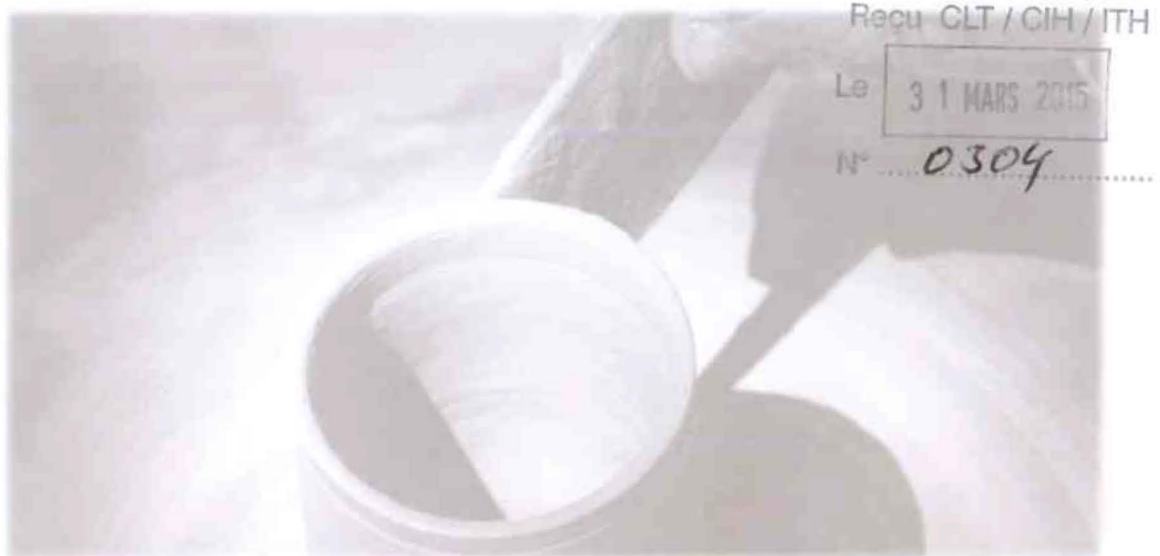




REGISTO DA **MANIFESTAÇÃO** NO **INVENTÁRIO NACIONAL DE PATRIMÓNIO CULTURAL**
IMATERIAL

EVIDENCE OF THE ELEMENT'S INCLUSION IN THE NATIONAL INVENTORY OF INTANGIBLE
CULTURAL HERITAGE



2 — Justificar ou injustificar faltas, incluindo dos trabalhadores da Delegação Sub-regional do Vale do Tejo

3 — Autorizar a inscrição e participação do pessoal em congressos, reuniões, seminários, colóquios, cursos de formação em regime de autoformação ou outras iniciativas semelhantes que ocorram em território nacional e que não importem custos para o serviço, incluindo dos trabalhadores da Delegação Sub-regional do Vale do Tejo

4 — Assinar a correspondência interna corrente, necessária à instrução e tramitação de todos os processos que correm na Divisão de Licenciamento Ambiental

5 — Substituir-me nas minhas ausências e impedimentos, no âmbito das competências da Divisão de Licenciamento Ambiental

6 — Substituir-me nas minhas ausências e impedimentos, no âmbito das competências da Direção de Serviços de Ambiente e serviços de fiscalização, perante indicação expressa da signatária.

12 de fevereiro de 2015. — A Diretora de Serviços de Ambiente da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo, *Isabel Dulce Mendes da Silva Marques*.

208440332

Despacho n.º 2268/2015

Ao abrigo das disposições conjugadas dos artigos 35.º a 39.º do Código do Procedimento Administrativo (CPA), aprovado pelo Decreto-Lei n.º 442/91 de 15 de novembro, com as alterações introduzidas pelo Decreto-Lei n.º 6/96, de 31 de janeiro, pelo Decreto-Lei n.º 18/2008, de 29 de janeiro e pela Lei n.º 30/2008 de julho e ao abrigo das competências que me foram subdelegadas pelos despachos n.º 15685/2014, de 30 de dezembro, publicado no *Diário da República*, 2.ª série, n.º 251, e, n.º 343/2015, de 14 de janeiro, publicado no *Diário da República*, 2.ª série, n.º 9, delegeo e subdelego no Chefe de Divisão de Avaliação e Monitorização Ambiental da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo, licenciado Cristiano Guilherme da Silva Amaro, as competências que estão atribuídas para a prática dos seguintes atos:

1 — No âmbito da Divisão de Avaliação e Monitorização Ambiental (DAMA):

1.1 — Justificar ou injustificar faltas;

1.2 — Autorizar a inscrição e participação do pessoal em congressos, reuniões, seminários, colóquios, cursos de formação em regime de autoformação ou outras iniciativas semelhantes que ocorram em território nacional e que não importem custos para o serviço;

1.3 — Assinar a correspondência interna corrente, necessária à instrução e tramitação de todos os processos que correm na DAMA

2 — No âmbito dos serviços de fiscalização:

2.1 — A coordenação de todos os processos referentes às matérias da competência dos serviços de fiscalização, em que se incluem as Delegações Sub-regionais do Vale do Tejo e do Oeste;

2.2 — A coordenação e desenvolvimento das ações de fiscalização nas matérias da competência da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo;

2.3 — A assinatura da correspondência interna e outra documentação relativa às matérias ora subdelegadas;

3 — Justificar ou injustificar faltas, incluindo os trabalhadores das Delegações Sub-regionais do Vale do Tejo e do Oeste;

4 — Autorizar a inscrição e participação do pessoal em congressos, reuniões, seminários, colóquios, cursos de formação em regime de autoformação ou outras iniciativas semelhantes que ocorram em território nacional e que não importem custos para o serviço, incluindo os trabalhadores das Delegações Sub-regionais do Vale do Tejo e do Oeste.

5 — Substituir-me nas minhas ausências e impedimentos, no âmbito das competências da DAMA e serviços de fiscalização;

6 — Substituir-me nas minhas ausências e impedimentos, no âmbito das competências da Direção de Serviços de Ambiente, perante indicação expressa da signatária.

12 de fevereiro de 2015. — A Diretora de Serviços de Ambiente da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo, *Isabel Dulce Mendes da Silva Marques*.

208440324

Direção-Geral do Património Cultural

Anúncio n.º 36/2015

Inscrição (salvaguarda urgente) do “Processo de confeção da Louça Preta de Bisalhães” (Vila Real) no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial

1 — Nos termos do n.º 2 do Artigo 15.º do Decreto-Lei n.º 139/2009, de 15 de junho, conjugado com o disposto pela alínea d) do Artigo 13.º

do Decreto-Lei n.º 115/2012, de 25 de maio, faço público que, por decisão de 13 de fevereiro de 2015, o Diretor-Geral do Património Cultural decidiu favoravelmente sobre o pedido de inscrição (salvaguarda urgente) do “Processo de confeção da Louça Preta de Bisalhães” no *Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial*, apresentado pelo Município de Vila Real.

2 — A decisão da Direção-Geral do Património Cultural sobre o pedido de inventariação do “Processo de confeção da Louça Preta de Bisalhães” teve por fundamento, no enquadramento dos critérios de apreciação a que se refere o Artigo 10.º do Decreto-Lei n.º 139/2009, de 15 de junho:

2.1 — A importância de que se reveste esta manifestação do património cultural imaterial enquanto reflexo da identidade da comunidade da Bisalhães (Município de Vila Real) em que esta tradição se pratica;

2.2 — A importância de que se reveste esta manifestação do património cultural imaterial pela sua profundidade histórica, com origens que remontam pelo menos ao século XVI, assim como pela sua forte ancoragem social, não apenas na comunidade de Bisalhães mas no Município de Vila Real considerado globalmente;

2.3 — A relevância desta manifestação do património cultural imaterial para o desenvolvimento sustentável da comunidade de Bisalhães;

2.4 — A comprovada necessidade da salvaguarda urgente desta manifestação do património cultural imaterial, atendendo às características do atual contexto de transmissão intergeracional dos inerentes saberes, técnicas e tecnologias, que configuram sérios riscos de extinção desta prática tradicional, a médio ou longo prazo;

2.5 — As medidas de salvaguarda e valorização preconizadas para a salvaguarda e viabilidade futura da tradição em apreço, designadamente as de âmbito patrimonial, científico, formativo e económico.

3 — A decisão da Direção-Geral do Património Cultural sobre o pedido de inventariação (salvaguarda urgente) do “Processo de confeção da Louça Preta de Bisalhães” (Vila Real), teve ainda por fundamento:

3.1 — A conformidade do pedido de inventariação com os requisitos definidos conjuntamente pelo Decreto-Lei n.º 139/2009, de 15 de junho, e pela Portaria n.º 196/2010, de 9 de abril;

3.2 — A ausência de pareceres contrários à conclusão do procedimento de inventariação em sede da fase de consulta direta sobre o procedimento de inventariação, a que se refere o n.º 1 do Artigo 13.º do Decreto-Lei n.º 139/2009, de 15 de junho.

3.3 — O facto de que o pedido de inventariação resultou da iniciativa da comunidade no âmbito da qual se realiza o “Processo de confeção da Louça Preta de Bisalhães”, tendo em vista a valorização desta manifestação do património cultural imaterial à escala nacional.

4 — Em resultado da conclusão do procedimento de inventariação do “Processo de confeção da Louça Preta de Bisalhães” (Vila Real) a respetiva Ficha de Inventário é disponibilizada publicamente na página eletrónica de acesso ao *Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial* (endereço web: www.matrizpci.dgpc.pt), de acordo com o Artigo 16.º do Decreto-Lei n.º 139/2009, de 15 de junho.

5 — Conforme previsto no Artigo 18.º do Decreto-Lei n.º 139/2009, de 15 de junho, a inventariação do “Processo de confeção da Louça Preta de Bisalhães” (Vila Real) é objeto de revisão ordinária em períodos de 10 anos, sem prejuízo de revisão em período inferior sempre que sejam conhecidas alterações relevantes, sendo que qualquer interessado pode suscitar, a todo o tempo, a revisão ou a atualização do respetivo inventário.

13 de fevereiro de 2015. — O Diretor-Geral do Património Cultural, *Nuno Vassallo e Silva*.

208442203

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS E MINISTÉRIO DAS FINANÇAS

Gabinets dos Secretários de Estado da Cultura e Adjunto e do Orçamento

Portaria n.º 166/2015

Considerando que a Associação Música Educação e Cultura (AMEC) e a Presidência do Conselho de Ministros, representada pelo Secretário de Estado da Cultura celebraram a 17 de dezembro de 2014 o V Acordo de Fundadores relativo ao apoio financeiro para as suas atividades, funcionamento e equipamento, cuja vigência teve início a 1 de janeiro de 2015 e termina a 31 de dezembro de 2019, pelo valor total de 2,375 milhões de euros;

Considerando a importância da AMEC na promoção musical cultural em Portugal e no estrangeiro, e em particular na área metropolitana de

Português

Diário da República, 2.ª série — N.º 45 — 5 de março de 2015

Direção-Geral do Património Cultural

Anúncio n.º 36/2015

Inscrição (salvaguarda urgente) do “Processo de confeção da Louça Preta de Bisalhães” (Vila Real) no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial.

English

Official Journal, 2nd series — n^o 45 — 5 March 2015

General Directorate for Cultural Heritage

Announcement n^o 36/2015

Inscription of the "Bisalhães Black Pottery Manufacturing Process" (Vila Real), in an urgent basis, in the National Inventory of Intangible Cultural Heritage.

Pesquisa simples

Insira aqui o(s) termo(s) de pesquisa...

Pesquisar

FICHA DE PATRIMÓNIO IMATERIAL

N.º de inventário: INPCI_SU_2015_001

Domínio: Competências no âmbito de processos e técnicas tradicionais

Categoria: Manifestações artísticas e correlacionadas

Denominação: *Processo de confeção da Louça Preta de Bisalhães*Outras denominações: *Barro de Bisalhães*

Contexto tipológico: A Louça Preta de Bisalhães, específica do centro olérico da aldeia de Bisalhães, freguesia de Mondrões, no concelho de Vila Real, singulariza-se pelos processos e técnicas ancestrais usados na sua confeção e cozedura. Atualmente único lugar em Vila Real onde ainda se confecciona a louça preta, Bisalhães estaria até o início do século XX integrada num centro olérico mais abrangente, constituído pelas freguesias de Lordelo, Mondrões (onde se insere Bisalhães), Vila Marim e Parada de Cunhos.



25 imagens

Sendo um dos poucos locais do país onde ainda se mantém a confeção deste tipo de louça, incluindo o processo arcaico da preparação do barro, da elaboração das peças, da sua decoração e cozedura, entre o final do século XIX e o início do século XX Bisalhães era apenas um dos mais de 70 centros oléricos existentes no país, na sua grande maioria a norte do rio Tejo.

Contexto social: Indivíduo(s): Cesário da Rocha Martins; Manuel Joaquim da Rocha Martins; Seizinando Ramalho; Querubim Queirós Rocha; Jorge Ramalho

Contexto territorial: Local: Bisalhães
Freguesia: Mondrões
Concelho: Vila Real
Distrito: Vila Real
País: Portugal
NUTS: Portugal \ Continente \ Norte \ Douro

Contexto temporal: Periodicidade: A Louça Preta de Bisalhães é confeccionada ao longo de todo o ano.
Data(s): Durante o ano, com maior quantidade em junho, devido à proximidade da Festa de S. Pedro, altura em que se realiza a tradicional "Feira dos Pucarinhos".

Caracterização síntese: A Louça Preta de Bisalhães, específica do centro olérico da aldeia de Bisalhães, freguesia de Mondrões, no concelho de Vila Real, é atualmente confeccionada pelos oleiros Cesário da Rocha Martins; Manuel Joaquim da Rocha Martins; Seizinando Ramalho; Jorge Ramalho; Querubim Queirós Rocha; Miguel Fontes; e Albano Carvalho (o escultor). Estes oleiros procedem à confeção das peças de louça, à cozedura e à venda. Atualmente a louça é confeccionada nas oficinas que estes oleiros possuem em Bisalhães, mas também nos postos de venda que lhes foram disponibilizados pela Câmara Municipal de Vila Real à entrada da cidade. O processo de cozedura das peças de barro é efetuado exclusivamente nos fornos destes oleiros, em Bisalhães. As fases intermédias da confeção, nomeadamente a preparação do barro e a decoração, são usualmente da responsabilidade das mulheres (esposas e/ou filhas dos oleiros).

Esta louça, que é produzida durante todo o ano, integra peças de carácter utilitário, designadas por "louça churra" pelo facto de serem peças mais grosseiras e pouco decoradas, e peças de carácter decorativo, chamadas de "louça fina". A louça de Bisalhães singulariza-se pelos processos e técnicas ancestrais usados na sua confeção e cozedura, que lhe conferem a tonalidade negra.

Caracterização desenvolvida: A confeção da louça

Primeiramente há que registar que a produção da louça tem sido uma atividade familiar que envolve o homem, a mulher e os filhos, pelos quais estão claramente repartidas as tarefas a executar. Assim, cabem ao homem as tarefas de trabalhar na roda e entornar a louça. Por seu lado, as mulheres e os filhos menores dedicam-se a trabalhos mais pesados e "menores" como a preparação do barro, o abastecimento de água e da carqueja necessária à cozedura do barro, "gogar" e decorar a louça.

A extração do barro

Atualmente o barro utilizado na produção da louça de Bisalhães é adquirido em fábricas de telhas e tijolos, em Vilar da Nantes (perto de Chaves), onde existiu também um centro de produção de olaria. Os oleiros pagam o barro e o seu transporte para Bisalhães é feito em viaturas rodoviárias, sendo mais oneroso o transporte que a própria aquisição do barro. Segundo o oleiro Cesário da Rocha Martins, o barro proveniente de Chaves não é igual ao barro da Parada de Cunhos, com o qual era produzida a olaria de Bisalhães, porque, na sua opinião, o barro da Parada de Cunhos conferia maior resistência às peças.

Tradicionalmente a extração do barro era efetuada nas barreiras existentes na localidade de Parada de Cunhos, vizinha de Bisalhães, na primavera ou no verão. Ao contrário do que acontecia em outros centros produtores, a extração do barro era um trabalho duro e perigoso que não era executado pelos próprios oleiros, mas por homens especializados. O barro era depois transportado para a aldeia em carros de bois.

A preparação do barro

O barro é guardado num pequeno compartimento sobradado que os oleiros designam de "caleiro", situado dentro da oficina. Ali se separa o barro mais forte, que contém maior quantidade de argila e menor quantidade de areia, ou *feixão*. As duas qualidades de barro são trabalhadas separadamente, misturando-se de seguida de acordo com a natureza das peças de louça que irão ser produzidas. Formam-se então os "beloios", que consistem nas bolas de barro a partir das quais se formam as peças de louça. Estas bolas de barro são depois transportadas do "caleiro" em caixotes para os "plos", recipientes em pedra com uma cavidade na parte superior, nos quais são "pladas", ou seja, esmagadas com martelos de madeira de amoleiro a que os oleiros chamam os "picos", para depois o barro ser "peneirado", ou crivado, para uma "gamela" de madeira ou pedra. Quanto mais fina for a peneira melhor será a qualidade da louça a produzir. Ali se começa a separar a louça mais fina, como os "pucarinhos de peito" e outras peças decorativas, crivada nas peneiras mais apertadas, feitas de penas de sede; da louça mais grosseira ou "churra", crivada nas peneiras do milho, também usadas na confeção do pão, que é, geralmente, a louça utilitária.

Seguidamente o barro é novamente amassado, misturando-se com água na gamela, formando-se novas bolas a que os oleiros de Bisalhães chamam a "pele", ou "péis", quando são várias, que devem ser mantidas húmidas.

Então, de acordo com a quantidade de barro que necessita para produzir uma peça, o oleiro escolhe uma ou mais "péis" e amassa novamente o barro com as mãos, um processo designado de "coldrar" o barro que, então, toma uma forma arredondada, a que os oleiros chamam o "embolado".

O trabalho à roda

Nesta altura poderá iniciar-se a fase seguinte de confeção do barro que é o trabalho à roda que, no caso da olaria de Bisalhães, é uma roda baixa na qual o oleiro dá forma às peças de louça que pretende criar. A roda utilizada pelos oleiros de Bisalhães é constituída pelos seguintes elementos:

Quiço – tábua retangular onde encaixa o trabulo;

Trabulo – pedaço de madeira que funciona como eixo com a parte superior pontiaguda na qual encaixa a cruz;

Cruz – travessas de madeira que se cruzam. Na extremidade de cada um dos quatro braços da cruz encaixam as bombas;

Bombas – curtos pedaços de madeira nos quais assenta a roda propriamente dita;

Tampo da roda – disco de madeira com mais de vinte centímetros de diâmetro no qual o oleiro coloca o barro que irá trabalhar;

Bucha – concavidade existente na parte inferior central da roda na qual encaixa a extremidade pontiaguda do trabulo;

Agarras – entalhes inseridos no disco superior que permitem agarrar a roda de forma a conferir-lhe mais facilmente movimento;

Banca – banco de três pés em madeira, no qual o oleiro se senta para trabalhar à roda;

A generalidade dos oleiros (como confirmam Cesário da Rocha Martins e Querubim Queirós Rocha) introduziu já nas suas rodas rolamentos esféricos metálicos de forma a facilitar o movimento da roda e aumentar a velocidade de circulação.

No trabalho de produção das peças o oleiro usa os seguintes utensílios:

Augreiro – vasilha de barro que contém a água necessária ao humedecimento das mãos;

Fanadouro – talas de madeira a que o oleiro recorre para dar forma às peças e levantá-las da roda;

Existem dois tipos de fanadouro:

Fanadouro de puxar – usado para levantar a peça da roda;

Fanadouro de alisar – usado para diminuir a espessura do barro, dar forma e alisar as peças;

Moca – pau comprido e redondo que o oleiro introduz no interior das peças quando não lhe é possível fazê-lo com as mãos (para arguer as trilhas ou tanhas, por exemplo);

Cega – corda de viola, crina de cavalo ou linha de costura de qual, consoante as peças, o oleiro se serve para separar as peças de louça da roda. No caso das peças mais pequenas, a cega é uma linha de costura ou mesmo um cabelo de mulher, no caso de pretender separar peças como os pucarinhos de peito. No caso da louça "churra", de maior dimensão, a cega é uma corda de viola.

Marcas nas peças de barro

Geralmente os oleiros não colocam marcas de autor nas peças que produzem. Dos oleiros em atividade apenas o oleiro Querubim Queirós da Rocha Martins e Cesário da Rocha gravam nas peças da sua autoria as iniciais do seu nome "QR" ou "R", às quais acrescenta Bisalhães/Vila Real, e Jorge Ramalho costuma escrever "Olaria Ramalho", acrescentando de vez em quando Bisalhães/Vila Real.

Decoração das peças

Ao contrário do que acontecia no passado, atualmente a louça negra de Bisalhães é quase toda ela decorada, tanto a louça "fina", decorativa, como a louça "churra", utilitária, tal como é referido na obra A Louça Preta de

Bisalhães (Mondrões, Vila Real): "antes a louça era pouco decorada, hoje é quase toda ela decorada tornando-a mais atrativa e mais de acordo com o motivo pelo qual o comprador a adquire. Hoje compram-se as peças mais pela beleza da forma, pela decoração e pela memória da arte que a si traz agarrada, do que pela funcionalidade que motivou o oleiro a criá-las, algumas delas há vários séculos" (Fernandes, Moscoso e Castro, 2009).

A decoração das peças de louça de Bisalhães, praticamente inexistente até aos primeiros anos do século XX, bem como a criação de peças decorativas resultam da necessidade sentida pelos oleiros de adaptarem esta louça ao gosto dos consumidores e partir da altura em que a venda das peças utilitárias decaiu devido ao aparecimento de peças que cumpriam as mesmas necessidades produzidas a partir de outros materiais – como o plástico. Dal que, desde essa altura até à atualidade, se tenha vindo a incrementar a produção de peças decorativas e a decorar a louça utilitária que tradicionalmente estava isenta de motivos decorativos.

Hoje, e na continuidade da tradição da confeção da louça preta de Bisalhães, a tarefa decorativa das peças é da responsabilidade das mulheres – na quase totalidade dos casos dos oleiros locais essas mulheres são as suas esposas. Contudo, existem motivos decorativos da autoria dos próprios oleiros. Convém, por isso, discriminar os elementos decorativos inseridos na louça pelos homens daqueles que são de autoria das mulheres.

Os elementos decorativos introduzidos pelos homens são, geralmente, os seguintes:

Estrias – elementos inseridos com recurso de uma marcadela;

Verdugos – aplicação de cordões ou cintas;

Bicos – pequenas formas arredondadas de barro colocadas aos pares sobre cada um dos lados dos alguidares que vão ao forno;

Outros elementos decorativos que exigem menor aperfeiçoamento.

No passado, as peças também eram decoradas pelos oleiros com mica, ou "espelho" como era designada, misturando-a no barro, o que conferia brilho à louça. Contudo, atualmente esse recurso decorativo já não se encontra em uso.

Como ficou acima referido, a tarefa da produção decorativa na confeção da louça preta de Bisalhães cabe fundamentalmente às mulheres dos oleiros, a quem compete também o trabalho de brunir, ou "gogar" a louça com recurso a um seixo do rio ou "gogo" e decorá-las depois de estar meia seca ou "moça", no vocabulário dos oleiros.

Assim, as mulheres começam por "gogar" as peças na sua totalidade, deixando-as polidas. Depois de as peças estarem gogadas começa a introduzir-lhes elementos decorativos inspirados em motivos da natureza como flores, folhas e desenhos de estrelas, espirais, segmentos de reta paralelos, verticais e oblíquos. Algumas mulheres inspiram-se também em motivos existentes em panos bordados e cortinas.

A cozedura da louça

A cozedura da louça marca a singularidade da confeção da louça de Bisalhães, dada a ancestralidade da técnica utilizada, pois a cozedura desta louça é efetuada ao ar livre em fornos que poderemos considerar como uma forma mais avançada da antiga soenja. O forno usado em Bisalhães ainda não possuía, há uns anos, qualquer grade de separação entre a câmara de combustão e a câmara de enfornamento. Na citada obra "A Louça Preta de Bisalhães (Mondrões, Vila Real)", um dos fornos tradicionais de Bisalhães é-nos descrito da seguinte forma: "[...] é escavado no solo, tem cerca de 1,50 m de profundidade por dois metros de diâmetro máximo, sendo apenas visível a face não enterrada no solo e na qual se situa a boca da caldeira. Esta é a única parede de alvenaria que o forno possui. Superfórmemente e ao nível do solo (em cima) fica a boca da câmara de enfornamento onde se coloca a louça que vai cozer. O forno situa-se num terreno com uma certa inclinação e junto a um caminho em declive, o que explica a diferença de cotas existente entre a boca da câmara de enfornamento e a porta da caldeira. No interior do forno existe o «pilão», ou seja, uma espécie de cotovelo feito em granito, tijolo e barro que assenta uma das pontas no solo, apoiando-se a outra na parede do forno que tem a boca da caldeira. Este «pilão» ajuda a suportar e a estruturar a grelha provisória que o oleiro cria com as roncãs" (Fernandes, 2012). Os fornos que se usam hoje em dia têm, desde há cerca de vinte anos, toscas barras de ferro que separam a câmara de combustão da câmara de enfornamento, acabando-se desta forma com a necessidade de colocar as roncãs, sempre que se pretende cozer a louça.

No dia estabelecido para a cozedura da louça, entre as cinco e as sete horas da manhã, os oleiros e respetivas famílias transportam as peças da oficina para o forno no qual é aceso o lume, preferencialmente com carvalho, carume e giestas. Inicialmente o lume é mantido brando e destina-se a eliminar da humidade existente no interior do forno. De seguida, várias pessoas iniciam o processo de construção da grade do forno constituída pelas "roncãs" que servem de grade de separação entre a caldeira da lenha e a de louça a enfornar. Terminada a construção da grade provisória, são colocadas, de forma borbada (de boca para baixo e fundo para cima) e acastelada, por cima das "roncãs", as peças de louça a cozer, começando pelas de maior dimensão e, por cima destas, as mais pequenas. Após o acastelamento da louça, o oleiro procede ao atigamento do lume, adicionando mais lenha combustível, para que a louça seja cozida. Quando a louça está cozida, inicia-se o "ebatamento", que consiste em lançar na parte superior do forno, sobre a louça a cozer, ramos de giestas e carvalho, o que aviva mais o lume. Juntamente com essas ramos é lançada sobre as peças, que ficam cobertas, terra negra já utilizada em cozeduras anteriores, dando dessa forma continuidade ao processo de cozedura, pois a caldeira da lenha permanece alimentada. Há a realçar que na parte superior do forno o oleiro faz um orifício que funciona como chaminé. A certa altura, a experiência do oleiro determina o momento em que é colocada a arder na parte superior da chaminé mais caruma, o que provoca o avivar do fogo. De imediato, o oleiro tapa com terra tanto o lume que arde na parte superior do forno como a boca do forno. Nesta altura o oleiro toma todo o cuidado no sentido de a louça permanecer toda tapada com terra de forma a não penetrar oxigénio no interior do forno, o que a acontecer provocaria a existência de manchas na louça. As peças de louça permanecem assim abatadas durante mais algum tempo, originando a privação de oxigénio que lhe confere a tonalidade negra que a singulariza. Finalmente, extinta a fogueira, as peças de louça são destapadas, deixadas a arrefecer e limpas, para poderem depois ser vendidas.

Tipos de peças confeccionadas na olaria de Bisalhães

Na olaria de Bisalhães são essencialmente confeccionados dois tipos de peças, de acordo com a finalidade a que se destinam. Referimo-nos à louça utilitária, também designada como louça "churra", e a louça decorativa, que os oleiros também chamam de louça "fina".

Atualmente os oleiros dão alguma prioridade à confeção de louça decorativa, visto que a louça utilitária, durante o século XX, foi sendo gradualmente substituída por objetos de finalidade idêntica confeccionada em materiais mais baratos e resistentes. Contudo, os oleiros de Bisalhães vão confeccionando em quantidades significativas algumas peças utilitárias, em particular alguidares para o arroz de forno e assadeiras. Segue em anexo quadro com identificação das peças confeccionadas em Bisalhães, com descrição da tipologia e funcionalidade (ver anexo II-5).

No que diz respeito à louça decorativa, merecem destaque as jarras e vasos, bem como os mealheiros, entre

outras peças produzidas pelos oleiros.

A louça utilitária está, como é lógico, intimamente ligada às atividades produtivas e à gastronomia da região. Sendo, durante muito tempo, a agricultura a base do sustento das famílias de Bisalhães e arredores – incluindo das próprias famílias dos oleiros, como já foi anteriormente referido – os oleiros desde cedo produziram peças que os auxiliavam no desempenho de algumas das tarefas do campo. Canecas, copos, pichorros e pichorras, garrafas permitiam o transporte de água ou vinho, o seu armazenamento e o seu consumo. As azelonas colhidas e o azeite delas produzido eram armazenados nas talhas (ou tanhas), que serviam igualmente para guardar mel ou, até, enchidos. As paredes grossas destas peças, bem como a sua forma e altura, permitiam não só manter o seu conteúdo fresco como inacessível aos pequenos bichos existentes nos locais onde eram armazenadas. E os alimentos eram, muito frequentemente, cozinhados em peças igualmente produzidas em louça preta. Alguidares e assadeiras, para os assados (de carne ou de peixe) e para o arroz; braceiras, para assar as castanhas no outono, ou até os covilhetes, pequenas formas que deram o nome aos hoje famosos pastéis com recheio de carne de vitela picada, típicos de Vila Real.

Atualmente ainda se cozinha muito em barro preto, embora principalmente em meio rural e, menos, por pessoas que ainda guardem e memórias dos cozinhados dos familiares de outrora. A restauração local denota muito interesse na utilização da louça preta, embora a reserve sobretudo para levar a refeição à mesa.

A louça preta de Bisalhães cumpre hoje um papel mais importante de "cartão-de-visita" de Vila Real, uma vez que é muito procurada pelos turistas que visitam a cidade. É, aliás, esse facto que faz com que praticamente toda a louça produzida pelos oleiros seja decorada, independentemente de ser louça marcadamente decorativa ou, pelo menos pela tipologia, utilitária.

A impermeabilização da louça

Devido à sua porosidade, a louça de Bisalhães costuma ser impermeabilizada antes de ser usada. Contudo, são variadas as técnicas e materiais usados na impermeabilização. Assim, há pessoas que untam o interior da peça com azeite, outras passam cera virgem no exterior ou no interior da peça, outras ainda usavam água e farelo.

A venda da louça

Atualmente a venda da louça de Bisalhães acontece fundamentalmente nas oficinas existentes à entrada da cidade de Vila Real ou nas casas e oficinas que possuem na aldeia de Bisalhães. Os oleiros referem também que na Feira de São Pedro, em Vila Real, ainda é rentável. Os oleiros Quarubin Queirós Rocha e Cesário da Rocha Martins lamentam não poder ir à Feira, por razões de saúde e familiares.

Porém, no passado, recolheram-se testemunhos dos oleiros que em jovens, à semelhança dos seus antepassados, andavam de terra em terra com os pais e os irmãos e irmãs, a pé e descalços, a vender louça pela região do Douro, a sul do distrito de Vila Real, chegando mesmo à parte norte do distrito de Viseu.

Na verdade, não obstante a dureza de trabalho das demais etapas inerentes à confeção da olaria de Bisalhães, o processo de comercialização das peças tradicionalmente usado pelos oleiros e suas famílias assumia proporções de sofrimento desumanas. Convém aqui realçar que, até meados do século passado, a venda da olaria era feita não apenas pelos oleiros mas também pelas suas mulheres, que se deslocavam por diversas povoações deste território que distavam de Bisalhães três e mesmo quatro dezenas de quilómetros, como é o caso de várias localidades da região vinhateira do Alto Douro. O transporte das peças de barro era feito em castos que pesavam dezenas de quilos e que colocavam à cabeça para facilitar os movimentos. Por não terem dinheiro para pagar o transporte rodoviário ou ferroviário, deslocavam-se a pé e, muitas vezes, descalços pelos caminhos agrestes e íngremes das montanhas, tanto de verão como de inverno. A venda era feita em muitas aldeias disseminadas pela zona duriense e em algumas das principais feiras da região como eram os casos de Vila Real, de Régua, Senhora do Viso, em Santa Marta de Penaguião e de Santo André, em Mesão Frio. A obra de Maria Emília Campos e Duarte Carvalho intitulada *Bisalhães – Anatomia de um Povo* dá-nos a conhecer um conjunto de testemunhos elucidativos e pungentes sobre a tarefa de venda da olaria de Bisalhães. Desse livro podemos, a título de exemplo, citar as declarações de Sra. Lídia, mulher do antigo oleiro Lucílio Fernandes:

"Iamos vender a Aboças e Guilões, íamos num dia e vínhamos no outro. Naquela maré, não havia estradas. Íamos pelos montes. Só algumas pessoas tinham dinheiro para comprar alumínio, por isso cozinhava tudo em potes de barro. A peça mais antiga é o pote de barro. Em Aboças ficávamos em casa do Dr. Madeira Pinto, a irmã, D. Luísa, que era solteira e que estava à frente da casa. Compravam-nos desde púcaros pequenos (malgas) até painéis de fundo largo, para levar para as quintas. Pagavam-nos em azeite. A Sra. Maria José, mãe do Dr. Sanfins, dava-nos 20 litros de azeite e só tinha de dar 15. A D. Rosinha, mãe do Sr. Nicolau, também comprava. Também íamos para Galafura, a pé. Havia outros que iam para outros lados. O pai do Lucílio tinha um cavalo e iam para Leirós e S. Martinho. Em Guilões havia um largo e nós íamos para lá ao sábado ou domingo que era quando pagavam aos trabalhadores. Também íamos para Ordonho e Gouvinhos, a pé. Na costa de Aboças só havia sobreiros e pinheiros. Não havia estradas; eram só montes e vales. Andávamos sempre descalços, com os pés a sangrar, às vezes. Para cá, também vínhamos carregadas, com balatas, azeite e favas."

Testemunhos desta teor conferem sentido às palavras de Miguel Torga, no livro *Traço de União*: "[...] A louça negra que nos vende este oleiro de Bisalhães não é, como parece, apenas barro amassado e cozido: é o lado nocturno da fome na sua expressão estóica e triste."

Manifestações associadas:

Indissociavelmente ligada à louça de Bisalhães está a Feira de S. Pedro, em Vila Real, também conhecida como a Feira dos Pucarinhos. Nos dias 28 e 29 de junho de cada ano, os oleiros de Bisalhães espalham a sua louça na Rua Central, também conhecida como Largo da Capela Nova, para venderem as peças que foram produzindo. A população de Vila Real e localidades limítrofes ocorre em grande número a esta Feira, que se constitui como um dos acontecimentos festivos mais populares da cidade e da região. É também tradição grupos de pessoas adquirirem aos oleiros uma peça de louça, formando depois uma roda na qual os elementos arremessam de uns para os outros essa peça. Aquele que deixar cair a peça de louça, provocando a sua destruição, é obrigado a adquirir uma outra para dar continuidade ao jogo. As pessoas de Vila Real designam esta tradição como o "jogo do panelo".

Contexto transmissão:

Estado de transmissão activo

Descrição: Atualmente, a confeção da louça negra está viva na aldeia de Bisalhães e restringe-se a cinco oleiros, todos eles residentes na aldeia de Bisalhães, freguesia de Mondrões, concelho de Vila Real, distrito de Vila Real.

A tradição da louça negra de Bisalhães está inactiva nas aldeias de Lordelo, Parada de Cunhos, Mondrões e Vila Marim.

Tradicionalmente, a transmissão dos conhecimentos inerentes à produção da olaria de Bisalhães ocorre em contexto familiar. Os oleiros transmitem conhecimentos aos seus filhos e netos, tal como eles os receberam dos pais e avós. Estes oleiros não manifestam muita disponibilidade para transmitir os seus conhecimentos fora da família direta. Segundo os próprios oleiros atualmente em atividade, todos eles já procuraram transmitir aos seus descendentes, filhos e netos, a sua arte. Contudo, referem que as novas gerações não manifestam vontade de aprender a confeccionar a louça por ser um trabalho exigente do ponto de vista físico, tanto para os homens como para as mulheres. O aumento do grau de escolarização das novas gerações tem permitido aos descendentes dos

oleiros obter ocupações profissionais que os dispensam do trabalho de confecção do barro. Daí que se possa concluir que as novas gerações possuíam apenas alguns conhecimentos e competências técnicas que não se traduzem propriamente na prática de produção. A exceção a esta regra reside no oleiro Jorge Ramalho, de 46 anos, filho do oleiro Sebastião Ramalho que desde há sensivelmente três anos se dedica a tempo inteiro à confecção de louça de Bisalhães. É o oleiro mais novo em atividade, pois a idade dos restantes varia, atualmente, entre os 74 e os 81 anos. Destaque ainda para o jovem Miguel Fontes, neto de oleiros, que tem procurado aprofundar os seus conhecimentos e melhorar a sua técnica, elaborando já algumas peças típicas desta olaria.

Todos os oleiros referiram que não partilham conhecimentos uns com os outros, notando-se mesmo a existência de alguma rivalidade entre eles.

Data: 2014-12-31
 Modo de transmissão: oral
 Idioma(s): Português
 Agente(s) de transmissão: Os próprios oleiros

Origem / Historial: A análise da documentação existente permite concluir que, pelo menos, desde o século XVI existe produção de louça em barro no centro de produção num conjunto de pequenas localidades adjacentes à cidade de Vila Real como Mondrões, Lordelo, Vila Marim, Parada de Cunhos e, principalmente, Bisalhães. O foral de Lordelo, de 12 de novembro de 1519, informa dos tributos a pagar pelos oleiros. Essa louça, que tradicionalmente era constituída por objetos de carácter utilitário como púcaros, bilhas, alguidares, potes, talhas, cântaros, panelas, canecos, pichorras, cafeteiras, covilhetes e bilhas de "segredo", a louça decorativa como serviços de ché, lâms e pucarinhos de peito, era – e ainda é – comercializada na cidade de Vila Real, na Feira dos Pucarinhos, que se celebra anualmente no dia de S. Pedro, no dia 29 de junho, e por vários concelhos da região do Douro, durante todo o ano.

Porém, se tivermos em conta o estudo *Olaria de Bisalhães – Caderno de Especificações para Certificação*, da autoria de Graça Ramos (CRAT) e Alberto Tapada (AETUR), publicado em 2006, é plausível que a atividade olária neste território tenha origens mais remotas. É uma temática cujo conhecimento interessa aprofundar, visto que os estudos produzidos até à atualidade não têm incidido prioritariamente sobre este aspeto. Os últimos trabalhos arqueológicos realizados na Vila Velha (núcleo original da cidade de Vila Real) em 1995 e 1996 e entre 2002 e 2004, acompanhadas posteriormente até 2006, no âmbito do Programa Polis, permitiram a recolha de fragmentos de cerâmica que indicam a possibilidade de ser oriunda deste centro olário, dadas as semelhanças com a louça aí produzida.

Contudo, segundo a mesma fonte, estes dados carecem de investigação e análises posteriores que confirmem esta relação. Outros fatores permitem reforçar a convicção de uma origem mais remota da produção de olaria nesta região, um deles é a abundância de barro existente neste território, o que é obviamente um fator facilitador desta atividade. Por outro lado, se atentarmos na toponímia verifica-se que neste território abundam locais cuja designação remete para a atividade da olaria. Assim, existe na freguesia de Lordelo o lugar a que chamam Soengas; em Vila Marim temos os lugares chamados de Barroca, Forno e, em Quintela, o Barreiro; existe também em Mondrões o lugar do Barreiro. Também a análise da antroponímia permite considerar a plausibilidade de uma origem mais remota da atividade de produção da olaria. Assim, no âmbito da "Devassa a que mandou proceder sua Majestade no território do Alto Douro pelo Desembargador António de Mesquita e Moura (1771 a 1775)" foram interrogados António Rodrigues Soenga e José Rodrigues Soenga, apelidos que obviamente remetem para a atividade da olaria.

Certo é que o foral concedido por D. Manuel I a Vila Real, em 1515, já faz menção à existência à olaria da região, tal como o já referido foral de Lordelo. Não obstante a inexistência de fontes referentes à atividade da olaria a partir do século XVI, é provável que tenha subsistido com robustez até ao século XVIII, época em que aumentam as referências a este centro olário na periferia de Vila Real. Essas fontes documentais dão conta do significativo número de oleiros em atividade em Mondrões e Lordelo. É também referido que oleiros provenientes de Gondar se deslocaram para a freguesia de Mondrões e contraiam matrimónio com mulheres de Bisalhães que também se dedicavam à produção de louça. Um inquérito paroquial, datado de 1706, dá conta da muita louça que se produzia em Lordelo, cuja quantidade daria para "prover toda a comarca [de Trás-os-Montes]", já em 1796 sabemos da existência de oito louceliros nesta mesma localidade. A "Relação de Vila Real e seu termo", de 1721, refere a produção e comercialização de louça na freguesia de Mondrões. Os registos paroquiais do setecentos registam também factos e relacionamentos familiares como nascimentos, casamentos e mortes acontecidos entre pessoas que se dedicavam à olaria.

As referências existentes no séc. XVIII incluem não só o ofício de oleiro e as suas oficinas, como também o local de extração. De facto, a mesma "Relação de Vila Real e seu termo", de 1721, menciona a existência da "fábrica de telha e tijolo" no lugar de Parada de Cunhos, igualmente referida no Inquérito Industrial de 1881. Aí se refere que "os fornos que têm e os processos que empregam são dos mais primitivos".

No ano seguinte um oleiro de Bisalhães obtém um prémio na Exposição de Cerâmica Nacional, que decorreu no Porto – organizada por Joaquim de Vasconcelos.

Em 1890 refere-se, no Inquérito Industrial, a existência de cinquenta oficinas de olaria, cada uma com o seu forno. Ainda que nem todas laborassem todo o ano, metade fazia-o.

Uma das características da olaria de Bisalhães, a mais precisamente dos homens, mulheres e crianças que sempre colaboraram na sua confecção, e que, em larga medida justifica a sua subsistência até à atualidade, é a capacidade de adaptação à mudança dos tempos e de dar resposta às novas realidades do meio em se inserir. Este fator foi particularmente evidente no século XVIII, mais concretamente a partir da criação da Região Demarcada do Douro pelo Marquês de Pombal, em 1756, quando a produção e comércio do centro olário do termo de Vila Real recebeu um considerável impulso devido à necessidade de suprimir as necessidades alimentares e de trabalho da enorme quantidade de pessoas que afluíram à região do Douro provenientes de outras regiões transmontanas, das Beiras e da Galiza para a epopeia de construção dos muros, socacos e plantação das vinhas que caracterizam a mais antiga região vinhateira demarcada do mundo. Na verdade, estes milhares de pessoas e famílias que passaram a residir em concelhos adjacentes ao centro olário de Bisalhães criaram um novo e apreciável mercado para os oleiros. As peças de barro tornaram-se assim num elemento característico da atividade quotidiana, de trabalho e doméstica, inerente ao trabalho de construção das quintas durianas e de produção do Vinho do Porto. A partir desta altura os homens e, principalmente, as mulheres e crianças da freguesia de Mondrões passaram a percorrer os caminhos que levam a concelhos como Vila Real, Peso da Régua, Sabrosa, Alijó, Murça, Santa Marta de Penaguião, e também a municípios da região norte do distrito de Viseu, como Lamego, Armamar, Tabuaço e São João da Pesqueira, a vender as peças de barro ou, como acontecia frequentemente, trocá-los por bens alimentares como vinho, azeite, fruta ou mel, que não eram produzidos na sua região que era montanhosa e fria. Faziam caminhos de dezenas de quilómetros em condições deploráveis, a pé, muitas vezes, descalços e carregando à cabeça cestos que chegavam a pesar várias dezenas de quilos. Por vezes, para se pouparem ao esforço desumano do carregamento dos cestos com louça, as mulheres dirigiam-se à estação de Vila Real e despachavam a louça no comboio que fazia a linha Vila Real – Régua e elas, por não terem dinheiro para o bilhete, seguiam a pé para a feira da Régua, um trajeto de perto de duas dezenas de quilómetros. As incursões à região do Douro duravam frequentemente dois dias, o que obrigava as mulheres e crianças de Bisalhães a pernoitar nas aldeias, em casas de pessoas que os conheciam e se compadeciam da dureza de vida dos oleiros e seus familiares. No contexto da comercialização da louça preta de Bisalhães no Alto Douro assumia particular importância a presença dos oleiros e suas famílias nas feiras da região, em particular

nas feiras de Santo André, no início de dezembro, e na feira da Senhora do Viso, na aldeia de Fontes, em Santa Marta de Penaguião.

Desta forma alargou-se substancialmente o mercado da louça de Bisalhães tanto em termos geográficos como populacionais pois, para além de contar com a região do Alto Douro Vinhateiro, continuava a comercializar no núcleo urbano de Vila Real, que do ponto de vista demográfico era a maior de Trás-os-Montes.

A atividade de confeção do barro no centro olário do termo de Vila Real persistiu ao longo do século XIX e a primeira metade do século XX, ainda que gradualmente se tenha vindo a restringir à localidade de Bisalhães. Alberto Tapada, em *Bisalhães – Memórias sem futuro?*, publica a lista nominal de 54 oleiros que, em 1947/1948, davam continuidade à confeção da louça negra de Bisalhães.

Porém, a partir de meados do século passado, fruto da evolução tecnológica e do incremento dos meios de produção em série, as peças utilitárias da louça de Bisalhães começam gradualmente a ser substituídas por objetos de idêntica função de alumínio e de plástico, que se foram tornando mais baratos e eram mais duradouros. Este fator provocou uma crise profunda na atividade dos oleiros que, uma vez mais, se viram na contingência de alterar a natureza das peças que criavam e os processos de venda. Desta forma incrementaram a criação de peças com finalidades decorativas como jarras, miniaturas, serviços de chá e loucinha de peito. Foram também abandonando as feiras e a venda pelas aldeias do Alto Douro, fixando postos de confeção e venda na Estrada Nacional nº 15, que liga o Porto a Vila Real, e que era a principal via rodoviária da região. Com o incremento do tráfego rodoviário e a chegada de mais forasteiros à região, estes pontos de venda localizados na estrada, nas proximidades de Vila Real tornaram-se numa imagem turística disseminada em cartazes e postais alusivos a este território. Eram postos de venda extremamente rudimentares, por vezes constituídos por tocas que os oleiros escavavam nas rochas da serra do Marão que marginavam a estrada e nas quais se abrigavam do calor e do frio intensos. A louça era exposta no chão e pendurada em primitivos "expositores" de madeira. Em simultâneo os oleiros, que também transportavam a roda e o barro já preparado, iam dando forma às peças que posteriormente seriam cozidas.

No início dos anos 90 do século XX, com a construção e abertura ao público do Itinerário Principal (IP4), que se constituiu como alternativa à velha estrada nacional 15, o processo de venda da olaria de Bisalhães sofreu outra alteração substancial. Com a abertura de nova via a quase totalidade do tráfego rodoviário desviou-se da antiga estrada 15, retirando os clientes da louça preta. Assim, e mais uma vez, os oleiros tiveram de se adaptar a esta nova realidade. A solução consistiu na construção, por parte da Câmara Municipal de Vila Real, de um conjunto de postos de venda localizados na entrada norte da cidade. Estes postos de venda, mais modernos e um pouco mais confortáveis que os anteriores, são os que atualmente utilizam para produzir uma boa parte das peças que continuam a cozer nos fornos de Bisalhães.

A década de 60 do século passado marcou, porém, o início de um acentuado declínio da atividade de confeção do barro em Bisalhães. Vários fatores contribuíram para este fenómeno. Desde logo o fenómeno migratório, que perpassou toda a população portuguesa, fez-se sentir com particular impacto nesta região. Os descendentes dos oleiros passaram a procurar nas grandes cidades do litoral as condições de vida que de forma alguma poderiam alcançar na sua terra de origem. Os próprios oleiros incentivaram esta atitude, pretendendo desta forma que os filhos não tivessem de passar por uma vida de sofrimento e miséria idêntica à deles e dos seus antepassados. Este êxodo para o litoral foi também acompanhado pela diáspora que durante as décadas de 60 e 70 esvaziou de gente o mundo rural, o que na região pobre e montanhosa onde se situa Bisalhães causou também um forte impacto, com consequências na atividade olária. Outro fator relevante que justifica o declínio da produção de peças de barro de Bisalhães foi a melhoria das condições de vida e a massificação do ensino resultante da revolução de 25 de abril de 1974. Na verdade, a partir dessa altura as crianças e jovens de Bisalhães tiveram, como as outras, a possibilidade de aceder a níveis de escolarização que lhes permitiram vir a exercer profissões incomparavelmente mais cómodas e bem remuneradas.

Estes aspetos, entre vários outros de menor impacto, justificam em boa parte a situação crítica por que passa atualmente a atividade olária de Bisalhães e que coloca fortemente em risco a sua sobrevivência. Assim, das mais de cinco dezenas de oleiros existentes na década de 50 permanecem hoje em atividade apenas seis, quatro deles com mais de 70 anos e, desses velhos oleiros, três já não podem contar com a colaboração das mulheres por já terem falecido ou porque as condições de saúde não o permitem.

Convém neste ponto realçar que as instituições locais não têm sido indiferentes a este processo de decadência da olaria de Bisalhães. A partir anos 70 a extinta Comissão Regional de Turismo da Serra do Marão tomou várias iniciativas tendentes à preservação e divulgação da olaria através da edição de trabalhos de investigação, de coleções de postais, da divulgação nacional e internacional do trabalho dos oleiros. A Câmara Municipal tem dado atenção à realidade da olaria de Bisalhães ao construir os postos de confeção e venda das peças situados à entrada de Vila Real, os quais os oleiros utilizam atualmente; ao organizar a Feira dos Pucarinhos que anualmente decorre durante as Festas de São Pedro, divulgando a atividade dos oleiros junto da população e nos meios de comunicação social. Também a NERVIR – Associação Empresarial de Vila Real tem procurado dar contributos para a preservação e divulgação da olaria de Bisalhães. Assim, em 2006, no âmbito do programa comunitário ON2, esta associação empresarial local, em colaboração com a Câmara Municipal de Vila Real e a Junta de Freguesia de Mondrões, obteve a classificação de Indicação Geográfica Protegida para a Olaria Negra de Bisalhães, produziu o Caderno de Especificações definidor das regras de certificação da olaria de Bisalhães com o objetivo de garantir a valorização e autenticidade deste artesanato. Por fim, as escolas do ensino básico e secundário do concelho de Vila Real e de municípios vizinhos têm pontualmente convidado os oleiros a demonstrar a sua atividade perante os alunos como forma de lhes dar a conhecer a arte e incentivando a sua prática.

Porém, estas iniciativas, provavelmente por não terem continuidade e por surgirem sem que, por vezes, os promotores tenham em conta a realidade histórica e sociocultural em que se processa a atividade dos oleiros, não têm produzido resultados relevantes no sentido de estancar o processo de decréscimo da olaria de Bisalhães.

A confeção da louça preta foi motivo de interesse etnográfico desde finais do séc. XIX. Embora haja referência à olaria de Bisalhães a partir anos 70 a extinta Comissão Regional de Turismo da Serra do Marão tomou várias iniciativas tendentes à preservação e divulgação da olaria através da edição de trabalhos de investigação, de coleções de postais, da divulgação nacional e internacional do trabalho dos oleiros. A Câmara Municipal tem dado atenção à realidade da olaria de Bisalhães ao construir os postos de confeção e venda das peças situados à entrada de Vila Real, os quais os oleiros utilizam atualmente; ao organizar a Feira dos Pucarinhos que anualmente decorre durante as Festas de São Pedro, divulgando a atividade dos oleiros junto da população e nos meios de comunicação social. Também a NERVIR – Associação Empresarial de Vila Real tem procurado dar contributos para a preservação e divulgação da olaria de Bisalhães. Assim, em 2006, no âmbito do programa comunitário ON2, esta associação empresarial local, em colaboração com a Câmara Municipal de Vila Real e a Junta de Freguesia de Mondrões, obteve a classificação de Indicação Geográfica Protegida para a Olaria Negra de Bisalhães, produziu o Caderno de Especificações definidor das regras de certificação da olaria de Bisalhães com o objetivo de garantir a valorização e autenticidade deste artesanato. Por fim, as escolas do ensino básico e secundário do concelho de Vila Real e de municípios vizinhos têm pontualmente convidado os oleiros a demonstrar a sua atividade perante os alunos como forma de lhes dar a conhecer a arte e incentivando a sua prática.

Assim, em 1705, António Carvalho da Costa na *Corografia Portuguesa* faz menção ao fabrico da louça no termo de Vila Real. Charles Leprieux, em 1899, no seu *Estudo Químico e Tecnológico sobre Cerâmica Portuguesa Moderna*, realçava a singularidade e importância da louça de barro confeccionada em Bisalhães no contexto nacional. Também Rocha Peixoto nos legou textos e peças de louça de Mondrões/Bisalhães resultantes das suas visitas a este centro olário, tendo publicado, em 1900, *Indústrias populares: as olarias de Prado e*, em 1903, o texto intitulado "Sobrevivência da primitiva roda de oleiro em Portugal", incluído na *Etnografia Portuguesa*. Em 1921, D. Carolina Michêlis de Vasconcelos publica *Algumas palavras a respeito dos pácaros de Portugal*, no qual, entre outras, reflete sobre as peças que integram a olaria de Bisalhães. Em 1924 e 1936, Cláudio Basto publica, respetivamente nas revistas *Lusa e Portuguesa*, os artigos "A Feira dos Pucarinhos em Vila Real" e "Pucarinhos de Vila Real". Em 1940, Santos Júnior publica o texto "Oleiros e olaria" em *Vida e Arte do Povo Português*. Russel Cortés, em 1942, publica no *livro do Segundo Congresso Transmontano*, o artigo "A Olaria Negra em Trás-os-Montes". De Luís Chaves, em 1953, é editado *Do barro se fez a louça; na louça se come o trigo*, em 1970,

Armando Augusto Ribeiro publica o livro *A Olaria de Bisalhães – Subsídios para uma monografia do artesanato regional da Serra do Marão*, na qual disserta sobre os vários aspetos da produção e venda da louça de Bisalhães. Mais recentemente há a realçar o trabalho desenvolvido por Werner Tobias que publicou, em 1986, *Schwarz e Keramik in Nordportugal. Ein Bericht über die Arbeit der Topfer in Bisalhães – Vila Real*, em 1988, *Arte Tradicional em Portugal*. Da autoria de Maria Emília Campos e Duarte Carvalho é publicado, em 1999, o livro *Bisalhães – Anatomia de um Povo*. António Pereira Dinis publica, em 2000, "As Olarias de São Tiago de Mondrões no Século XVIII", na revista *Estudos Transmontanos e Durienses*; e em 2004, "Contribuição para o estudo das olarias do termo da Vila Real. Manuel Rodrigues, oleiro em Parada", na revista *Olaria*. Ainda de António Pereira Dinis em colaboração com Paulo Amaral, em 1997, "O café na chocolateria de barro de Bisalhães", em *Louça preta em Portugal: olhares cruzados*; também de António Pereira Dinis e Paulo Amaral, em 2003, *Louça Preta de Bisalhães – Vila Real, em As Idades da Terra*. Alberto Tapada publica, em 2006, *Bisalhães: Memória sem futuro?* e, em 2004, em colaboração com Filipe Saiote *Olaria Negra de Bisalhães*. Relativamente à investigação e produção bibliográfica sobre a olaria de Bisalhães há a destacar o significativo trabalho que tem vindo a ser desenvolvido por Isabel Fernandes que, em 1997, publica "Oleiros de Bisalhães", em 2003, "os diferentes modos de preparar o barro" em *A louça preta em Portugal: olhares cruzados*; nas olarias de louça preta portuguesas, extintas ou em laboração", em *Actas das III jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval: métodos e resultados para o seu estudo* e, ainda em 2003, "Vasilhas: em barro se fazem, de barro se usam: o quotidiano visto através da olaria", em *Olaria Portuguesa: do fazer ao usar = Portuguese pottery: from crafting to usage*; em 2006, "Saberes, sabores, usos e desusos da olaria nortenha", em 2012, *As mais antigas colecções de olaria em Portugal*, de Isabel Fernandes, Patrícia Moscoso e Fernando Castro, em 2009, *A Louça preta de Bisalhães (Mondrões – Vila Real)*

Direitos associados:	Tipo Direito consuetudinário local	Circunstância Direitos coletivos de carácter consuetudinário; direitos individuais.	Detentor São detentores dos direitos relativos à produção da olaria de Bisalhães os artífices que integram este centro de produção.
Responsável pela documentação:	Nome: João Ribeiro da Silva, João Luís Sequeira. Função: João Ribeiro da Silva: diretor do Museu de Arqueologia e Numismática de Vila Real e do Museu da Vila Velha; João Luís Sequeira: docente no Agrupamento de Escolas Morgado de Mateus (Vila Real). Data: 2014-12-31 Currículo Vitae Declaração de compromisso		
Fundamentação do Processo:	ver fundamentação do processo		

Bibliografia	Documentação	Proponente	Processo Inventariação
Tipo	Título		Imagem
Fotografia	O Escultor Albano Carvalho e a mulher, 2013.		
Fotografia	Pucarinhos de peito de Albano Carvalho, 2013.		
Fotografia	O Escultor Albano Carvalho, 2013.		
Fotografia	O oleiro Cesário Martins, 2013.		
Fotografia	O oleiro Cesário Martins a trabalhar, 2013.		
Fotografia	O oleiro Cesário Martins a trabalhar, 2013.		
Fotografia	O oleiro António Jorge Ramalho, 2013.		
Fotografia	O oleiro António Jorge Ramalho, 2013.		

Fotografia O oleiro António Jorge Ramalho, 2013.



Fotografia O oleiro Manuel Martins, 2013.



Fotografia O oleiro Manuel Martins, 2013.



Fotografia O oleiro Manuel Martins e a mulher, 2013.



Fotografia O oleiro Querubim Rocha, 2013.



Fotografia A oficina do oleiro Querubim Rocha, 2013.



Fotografia O oleiro Querubim Rocha, 2013.



Fotografia O oleiro Sezisnando Ramalho com a cega, 2013.



Fotografia O oleiro Sezisnando Ramalho a coldrar o barro, 2013.



Fotografia O oleiro Sezisnando Ramalho a levantar uma peça, 2013.



Fotografia O oleiro Miguel Fontes, 2012.



Fotografia O oleiro Miguel Fontes, 2012.



Fotografia O oleiro Miguel Fontes a acabar uma caneca, 2012.



Fotografia Barro partido no Jogo do panelo, na Feira de São Pedro – Vila Real, 2011.



Fotografia Jogo do panelo na Feira de São Pedro – Vila Real, 2012.



Fotografia Jogo do panelo na Feira de São Pedro – Vila Real, 2012.



Fotografia Jogo do panelo na Feira de São Pedro – Vila Real, 2012.



Fotografia Jogo do panelo na Feira de São Pedro – Vila Real, 2012.



Fotografia Barro partido no Jogo do panelo, na Feira de São Pedro – Vila Real, 2013.



Fotografia Jogo do panelo na Feira de São Pedro – Vila Real, 2013.



Fotografia Antigo local de venda dos oleiros de Bisalhães junto à Estrada Nacional nº 15, 2013.



Fotografia Antigo local de venda dos oleiros de Bisalhães junto à Estrada Nacional nº 15, 2013.



Fotografia Local de venda dos oleiros de Bisalhães à entrada de Vila Real, 2012.



Fotografia Local de venda dos oleiros de Bisalhães à entrada de Vila Real, 2012.



Fotografia Local de venda dos oleiros de Bisalhães à entrada de Vila Real, 2012.



Fotografia Feira de São Pedro – Vila Real, 2012.

Fotografia Feira de São Pedro – Vila Real, 2012.



Fotografia Feira de São Pedro – Vila Real, 2012.



Fotografia Feira de São Pedro – Vila Real, 2012.



Fotografia Detalhe de uma talha (ou tanha), 2008.



Fotografia Detalhe de uma talha (ou tanha), 2008.



Fotografia Talha (ou tanha), 2008.



Fotografia Bilhas de melão, 2008.



Fotografia Bilhas de cantil, 2008.



Fotografia Detalhe de decoração de bilha de cantil, 2008.



Fotografia Bilhas de pipo, 2008.



Fotografia Detalhe de decoração de bilha de pipo, 2008.

Fotografia Bilhas de rosca, 2008.



Fotografia Detalhe de decoração de bilha de rosca, 2008.



Fotografia Pichorras, 2008.



Fotografia Pichorras, 2008.



Fotografia Detalhe de decoração de pichorro, 2008.



Fotografia Pichorras, 2008.



Fotografia Detalhe de decoração, 2008.



Fotografia Detalhe de decoração, 2008.



Fotografia Cafeteira e chocolateira, 2008.



Fotografia Garrações, 2008.



Fotografia Bilhas de segredo, 2008.



Fotografia Chaleira, 2008.



Fotografia	Serviço de café, 2008.	
Fotografia	Potes, 2008.	
Fotografia	Panela, 2008.	
Fotografia	Braseira, 2008.	
Fotografia	Vaso, 2008.	
Fotografia	Jarra, 2008.	
Fotografia	Pormenor de decoração de jarra. 2008.	
Fotografia	Pormenor de identificação de jarra, 2008.	
Fotografia	Pormenor de decoração de jarra. 2008.	
Fotografia	Meslheiro, 2008.	
Fotografia	Candeia, 2008.	
Fotografia	Candelabro, 2008.	

Fotografia Galheteiro, 2008.



Fotografia Alguidares de fornalha, 2008.



Fotografia Alguidar de forno, 2008.



Fotografia Assadeira, 2008.



Fotografia Assadeira, 2008.



Fotografia Jarra, 2008.



Fotografia Covilhetes, 2008.



Fotografia Jogo de pucarinhos de peito, 2008.



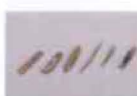
Fotografia Molde, 2008.



Fotografia Pauzinhos, 2008.



Fotografia Fanadoiros, 2008.



Fotografia Estrias, 2008.



Fotografia Gogos, 2008.



Fotografia Tripeça, 2008.



Fotografia Roda de oleiro, 2008.



Fotografia Pio, pico e peneiras, 2008.



Fotografia Roda com pichorra crua, 2008.



Fotografia Alguidares crus com decoração, 2008.



Fotografia Rods de oleiro, 2008.



Fotografia Pio antigo, 2008.



Fotografia Forno, 2008.



Fotografia Cestos para carregos de louça, 2008.



Fotografia Louça em exposição nos locais de venda – Vila Real, 2008.



Fotografia Louça em exposição nos locais de venda – Vila Real, 2008.



Fotografia	Cozinhados em louça preta, 2008.	
Fotografia	A colocar a louça do forno – Bisalhães, anos 80.	
Fotografia	A colocar a louça do forno – Bisalhães, anos 80.	
Fotografia	Oleiro junto ao forno – Bisalhães, anos 80.	
Fotografia	A cozer no forno – Bisalhães, anos 80.	
Fotografia	A cozer no forno – Bisalhães, anos 80.	
Fotografia	A cozer no forno – Bisalhães, anos 80.	
Fotografia	Feira de São Pedro – Vila Real, 2006.	
Fotografia	Família de oleiros – Bisalhães, anos 50.	
Fotografia	Oleiros a trabalhar – Bisalhães, anos 50.	
Fotografia	Oleiro – Bisalhães, anos 50.	
Fotografia	Família de oleiros – Bisalhães, anos 50.	
Fotografia	Oleiro a cozer a louça – Bisalhães, anos 50.	

Fotografia

Vendedora de louça preta de Bisalhães na Feira de São Pedro – Vila Real, anos 50.



Fotografia

Feira de São Pedro – Vila Real, anos 50.



Fotografia

Feira de São Pedro – Vila Real, anos 50.



Fotografia

Oficina de oleiro – Bisalhães, anos 50.



Fotografia

Oleiro com pio e pico – Bisalhães, anos 50.



Fotografia

Oleiro a trabalhar – Bisalhães, anos 50.



Fotografia

Oleiro a trabalhar – Bisalhães, anos 50.



Fotografia

Forno – Bisalhães, anos 50.



Fotografia

Cozedura da louça – Bisalhães, anos 50.



Fotografia

Louça à venda na Feira de São Pedro – Vila Real, anos 50.



Fotografia

Venda de louça na Feira de São Pedro – Vila Real, anos 50.



Fotografia

Oleiro a trabalhar – Bisalhães, anos 50.



Fotografia	Mulher a gogar – Bisalhães, anos 50.	
Fotografia	Meninas a tirar a louça do forno – Bisalhães, anos 80.	
Fotografia	Cozedura da louça – Bisalhães, 1996/7/8.	
Fotografia	Cozedura da louça – Bisalhães, 1996/7/8.	
Fotografia	Cozedura da louça – Bisalhães, 1996/7/8.	
Fotografia	Cozedura da louça – Bisalhães, 1996/7/8.	
Fotografia	Tirar a louça do forno – Bisalhães, 1996/7/8.	
Fotografia	Tirar a louça do forno – Bisalhães, 1996/7/8.	
Fotografia	Tirar a louça do forno – Bisalhães, 1996/7/8.	
Fotografia	Louça preta – Feira de São Pedro, 1996/7/8.	
Fotografia	Tirar a louça do forno – Bisalhães, 1996/7/8.	
Fotografia	Tirar a louça do forno – Bisalhães, 1996/7/8.	
Fotografia	Carrégo de louça – Bisalhães, 1996/7/8.	
Fotografia	Venda de louça na beira da estrada, 1996/7/8.	
Fotografia	Lâs ou pucarinhos de peito – Feira de São Pedro, 1996/7/8.	

Fotografia Tirar a louça do forno – Bisalhães, 1996/7/8.



Fotografia Alisar com pauzinho – Bisalhães, 2008.



Fotografia Gogar – Bisalhães, 2008.



Fotografia A piar (ou picar) o barro, com o pio no pico – Bisalhães, 2008.



Fotografia Peneirar o barro – Bisalhães, 2008.



Fotografia Peneirar o barro – Bisalhães, 2008.



Fotografia Amassar o barro na gamela – Bisalhães, 2008.



Fotografia Amassar o barro na gamela – Bisalhães, 2008.



Fotografia Transporte do barro para o forno – Bisalhães, 2008.



Fotografia Barro pronto a cair na roda – Bisalhães, 2008.



Fotografia O início da peça – Bisalhães, 2008.



Fotografia Oleiro a trabalhar – Bisalhães, 2008.



Fotografia A formar o alquidar – Bisalhães, 2008.



Fotografia Coidar o barro – Vila Real, 2008.



Fotografia Oleiro a trabalhar – Vila Real, 2008.



Fotografia Feira de São Pedro – Vila Real, 2006.



Fotografia Feira de São Pedro – Vila Real, 2006.



Fotografia Feira de São Pedro – Vila Real, 2006.



Fotografia Feira de São Pedro – Vila Real, 2006.



Fotografia Medalha de Albano Carvalho, emitida em defesa do artesanato transmontano em 1974 (medalha de colecção particular) – frente, 2014.



Fotografia Medalha de Albano Carvalho, emitida em defesa do artesanato transmontano em 1974 (medalha de colecção particular) – verso, 2014.



Fotografia	Feira de S. Pedro, Rua Central, Vila Real, década de 1950.	
Fotografia	Vila Real, Feira dos Pucarinhos, cerca de 1900.	
Fotografia	Rua Central, cerca de 1900.	
Fotografia	Vila Real, Feira dos Pucarinhos, cerca de 1900.	
Fotografia	Feira dos Pucarinhos, 29/05/1870.	
Fotografia	Feira dos Pucarinhos, 29/06/1870	
Fotografia	Feira de São Pedro, 29/05/1954.	
Fotografia	Feira dos Pucarinhos, 29/05/1954.	
Fotografia	Capela Nova, década de 1950.	
Fotografia	Feira dos Pucarinhos, década de 1950.	

Fotografia	Fontenário, década de 1940.	
Fotografia	Cortejo etnográfico, cerca de 1960.	
Fotografia	Olseiro de Bisalhães, setembro de 1920.	
Fotografia	Feira dos Pucarinhos, cerca de 1955.	
Filme	A Louça preta de Bisalhães – Parte 1	
Filme	A Louça preta de Bisalhães – Parte 2	
Filme	A Louça preta de Bisalhães – Parte 3	
Fotografia	Nº 1 – Picar o barro. Postal editado pelo Centro Cultural Regional de Vila Real. Fotografia de Duarte Carvalho.	
Fotografia	Nº 2 – Moldar o barro. Postal editado pelo Centro Cultural Regional de Vila Real. Fotografia de Duarte Carvalho.	
Fotografia	Nº 3 – Gogar. Postal editado pelo Centro Cultural Regional de Vila Real. Fotografia de Duarte Carvalho.	
Fotografia	Nº 4 – Colocar as peças no forno. Postal editado pelo Centro Cultural Regional de Vila Real. Fotografia de Duarte Carvalho.	
Fotografia	Nº 5 – Cozer a louça. Postal editado pelo Centro Cultural Regional de Vila Real. Fotografia de Duarte Carvalho.	
Fotografia	Nº 6 – Retirar a louça do forno. Postal editado pelo Centro Cultural Regional de Vila Real. Fotografia de Duarte Carvalho.	
Fotografia	Nº 7 – Esconder, na lã, os pucarinhos de peito. Postal editado pelo Centro Cultural Regional de Vila Real. Fotografia de Duarte Carvalho.	
Fotografia	Nº 8 – Expor a louça. Postal editado pelo Centro Cultural Regional de Vila Real. Fotografia de Duarte Carvalho.	

Fotografia	Vila Real. Casa de artesanato. Postal editado pela Iberporio. Fotos: Anibal Santos.	
Fotografia	Bisalhães – Vila Real (nº 6 da coleção Portugal Tradicional). Postal de edições Mira. Foto de Fernanda Gonçalves.	
Fotografia	Feira de São Pedro (anos 20). Fotografia de Miguel Monteiro. Postal editado pela Comissão Regional de Turismo da Serra do Marão.	
Fotografia	A Festa do Pucarinho. Bilhete-postal – fototopia com policromia litografada, editado por Paulo Emílio Guedes – coleção particular.	
Fotografia	Vila Real. Feira dos Pucarinhos (nº 1134). Postal editado pela Lifer-Porto (década de 1960).	
Fotografia	Cartaz. São Pedro/Feira dos Pucarinhos. 1964. Postal editado pela Câmara Municipal de Vila Real, a partir de cartaz desenhado por Nuno Barreto.	
Fotografia	Oleiro a trabalhar – Vila Real. 2006.	
Fotografia	Oleiro a separar a peça da roda com uma caga – Vila Real. 2006.	
Fontes escritas	INPCI_Proc_05_2014_DGPC (Checklist DPIMI sobre Pedido de Inventário)	
Fontes escritas	INPCI_Proc_05_2014_DGPC (Parecer DPIMI sobre Pedido de Inventário)	
Fontes escritas	INPCI_Proc_05_2014_DGPC (Info. 004-DPIMI-2015)	
Fontes escritas	INPCI_Proc_05_2014_DGPC (Decisão - Realização de Consulta Direta)	
Fontes escritas	INPCI_Proc_05_2014_DGPC (Of. DRCN - Consulta Direta - Pedido de Parecer)	
Fontes escritas	INPCI_Proc_05_2014_DGPC (Of. CN-UNESCO)	
Fontes escritas	INPCI_Proc_05_2014_DGPC (Parecer prévio DRCN)	
Fontes escritas	INPCI_Proc_05_2014_DGPC (Info. 355-DPIMI-2015)	

Fontes escritas	INPCI_Proc_05_2014_DGPC (Decisão - Inscrição no Inventário)	
Fontes escritas	INPCI_Proc_05_2014_DGPC (Anúncio - Inscrição no Inventário)	
Fontes escritas	INPCI_Proc_05_2014_DGPC (Anúncio DGPC 36/2015; DR_45_IUS_05Mar2015)	
Fontes escritas	INPCI_Proc_05_2014_DGPC (Of. CMVR - Inscrição no Inventário)	
Fotografia	Livro: Bisalhães: anatomia de um povo. Postal editado pelo Centro Cultural Regional de Vila Real. Capa da obra "Bisalhães: anatomia de um povo", de Maria Emília Campos e Duarte Carvalho.	
Fotografia	S. Pedro, Feira dos Pucarinhos. Cartaz das Festas de Vila Real, editado pela Comissão Regional de Turismo da Serra do Marão.	
Fotografia	Vila Real, Feira dos Pucarinhos. Cartaz das Festas de Vila Real, editado pela Comissão Regional de Turismo da Serra do Marão.	
Fotografia	S. Pedro, Feira dos Pucarinhos. Cartaz das Festas de Vila Real, editado pela Comissão Regional de Turismo da Serra do Marão.	
Fotografia	Vila Real, Feira dos Pucarinhos, Festas a São Pedro, Cartaz das Festas de Vila Real, editado pela Comissão Regional de Turismo da Serra do Marão.	
Fotografia	A Festa do Pucarinho. Reedição de bilhete-postal – fototipia com policromia litografada, editado por Paulo Emílio Guedes, pela Câmara Municipal de Vila Real.	
Fotografia	Feira de S. Pedro ou Feira dos Pucarinhos. Edição de postal pelo Grémio Literário Vila-Realense, com fotografia de 29 de julho de 1898.	
Fotografia	Vila Real – R. Central (na tradicional feira dos pucarinhos). Reedição de bilhete-postal de Miguel Monteiro, da década de 1920 (fototipia), pelo Museu de Vila Real.	
Fotografia	Cartaz das Festas da Cidade de Vila Real, 1939. Postal editado pelo Grémio Literário Vila-Realense.	

Fotografia	Postal editado pelo Grémio Literário Vila-Realense. Reedição de bilhete-postal – fototopia, editado por F. A. Martins na década de 1900, pela Câmara Municipal de Vila Real.	
Fotografia	Reedição de bilhete-postal – fototopia, editado por F. A. Martins na década de 1900, pela Câmara Municipal de Vila Real. Reprodução de fotografia de A. N. A. Corrêa, de 1870, pelo Museu de Vila Real.	 
Fotografia	Feira dos Puzarinhos. Fac-símile de fotografia de António Narciso Alves Correia, de 1888, pelo Museu de Vila Real.	
Fotografia	Setentrão – 1 (fac-símile). Capa do nº 1 da Revista Setentrão (1962), editado pelo Grémio Literário Vila-Realense/ Câmara Municipal de Vila Real.	
Fotografia	A Olaria de Bisalhães (2ª edição, fac-símile). Capa da 2ª edição de "A Olaria de Bisalhães", de Armando Augusto Ribeiro (1970), editada pelo Grémio Literário Vila-Realense/ Câmara Municipal de Vila Real.	
Fotografia	Vila Real. Olaria típica – vários aspetos (nº 235). Postal editado pela Lifer-Porto (década de 1980).	
Fotografia	Vendeira de louça de Bisalhães – Vila Real (nº 13). Bilhete-postal a partir de fotografia da Foto Marius, editado pela Comissão Regional de Turismo da Serra do Marão.	
Cartografia	Mapa de Bisalhães – Olaria. Mapa com localização de oficinas, fornos e outros elementos de interesse em Bisalhães, editado pelo NERVIR.	
Fontes escritas	Tipologias de peças mais representativas da olaria de Bisalhães	
Fontes escritas	Pedido de Inventariação_Confeção Louça Preta de Bisalhães_INPCI_Anexo I	
Fontes escritas	Pedido de Inventariação_Confeção Louça Preta de Bisalhães_INPCI_Anexo II	

RECUAR

Pesquisa simples

Insira aqui o(s) termo(s) de pesquisa...

Pesquisar

FICHA DE PATRIMÓNIO MATERIAL

No. of inventory: INPCI_SU_2015_001
Field: Skills in traditional processes and techniques

Category: Artistic and related activities

Name: Bisalhães Black Pottery Manufacturing Process

Other names: Bisalhães Clay

Type of context: Bisalhães Black Pottery, specific to the pottery-making centre of the village of Bisalhães, in the Parish of Mondrões, in the Municipality of Vila Real, is remarkable due to the ancient processes and techniques used in its manufacture and firing. Bisalhães is currently the only place in Vila Real where black pottery is still made, but until the early 20th century was a part of a more extensive pottery-making centre comprising the parishes of Lordelo, Mondrões (to which Bisalhães belongs), Vila Marim and Parada de Cunhos.

Bisalhães is one of the few places in the country where this type of pottery is still made, including the archaic process of preparing the clay, throwing the pieces, decorating and firing them, but between the late 19th and the early 20th century, it was just one of more than 70 pottery-making centres in the country, mostly north of the River Tagus.

Social context: Individuals: Cesário da Rocha Martins; Manuel Joaquim da Rocha Martins; Seziznando Ramalho; Querubim Queirós Rocha; Jorge Ramalho



25 images

Geographical context:	Location: Bisalhães
	Parish: Mondrões
	Municipality: Vila Real
	District: Vila Real
	Country: Portugal
	NUTS: Portugal \ Mainland \ North \ Douro
Timeframe:	Periodicity: Bisalhães Black Pottery is made all year round.
	Date(s): Throughout the year, with a higher output in June, due to the proximity of the Festival of S. Pedro, during which the traditional "Feira dos Pucarinhos" is held.
Brief description:	The Bisalhães Black Pottery, specific to the pottery-making centre of the village of Bisalhães, in the Parish of Mondrões, in the city of Vila Real, is currently manufactured by the potters Cesário da Rocha Martins; Manuel Joaquim da Rocha Martins; Sezisnando Ramalho; Jorge Ramalho; Querubim Queirós Rocha; Miguel Fontes; and Albano Carvalho (the sculptor). These potters make pieces of earthenware, fire them and sell them. The pottery is currently made in the workshops these potters have in Bisalhães, but also at the stalls made available to them by Vila Real City Council at the entrance to the city. The firing process of the clay pieces is done exclusively in these potters' kilns in Bisalhães. The intermediate stages of manufacture, including the preparation of the clay and the decoration are usually the responsibility of women (the potters' wives and/or daughters).

This type of pottery, which is produced throughout the year, includes utilitarian pieces called *churra* (rough) pottery because they are coarser and barely decorated items; and decorative pieces, called "fine" earthenware. Bisalhães pottery is unique because of the ancient processes and techniques used in its manufacture and firing, which gives it its black colour.

Detailed description: Manufacturing the pottery

Firstly, it should be noted that pottery-making has always been a family activity that involves the man, his wife and children, who each have clearly defined tasks. So it is the job of the men to work the wheel and to fill the kiln. For their part, the women and children are responsible for the heavier and "minor" work such as the preparation of the clay, supplying the water and gorse necessary for firing the clay, "burnishing" and decorating the earthenware.

Extracting the clay

The clay currently used in Bisalhães pottery is acquired from tile and brick factories in Vilar de Nantes (near Chaves), where there was once also a pottery-making centre. The potters pay for the clay and for the transportation, which is made

by road to Bisalhães, and is actually more costly than the clay itself. According to the potter Cesário da Rocha Martins, the clay from Chaves is not as good as Parada de Cunhos clay, which was used to produce Bisalhães pottery, because in his opinion, Parada de Cunhos clay makes for sturdier pieces.

Traditionally the clay was extracted from the clay pits around Parada de Cunhos, which is a neighbouring village to Bisalhães, in the spring or summer. Unlike what happened in other production centres, extracting the clay was tough, dangerous work that was not done by the potters themselves, but by men specialising in this activity. The clay was then transported to the village in ox carts.

Preparing the clay

The clay is stored in a small wood-floored compartment in the workshop which the potters call *caleiro*. There the strongest clay is separated. This contains higher amounts of clay and less sand, or *teixão*. Both qualities of clay are worked separately, and then blended in accordance with the nature of the pieces to be produced. Then the *beloiros* are formed, balls of clay from which the pottery pieces will be shaped. These clay balls are then carried on crates from the *caleiro* to the *pios* (stone tanks with a recess in the top), in which they are crushed with hammers made of alder wood that the potters call *picos*. The clay is then sifted into a wooden or stone *gamela* (bowl). The finer the sifter the better the quality of the pottery to be made. The finest earthenware, such as *pucarinhos de peito* (chest pots) and other decorative pieces, screened in finer sifters made of silk cloths, are separated from the coarser or *churra* earthenware, screened in maize sifters, also used in bread-making, and this is usually intended for current use.

The clay is then kneaded again, mixing it with water in the *gamela*, and forming new balls that the potters of Bisalhães call *pele* or *péis* (pieces of clay) when there are several, which must be kept moist.

Then, depending on the amount of clay needed to produce a piece, the potter chooses one or more *péis* and kneads the clay again with his hands, a process known as *coldrar*, or shaping the clay. It then takes a rounded form the potters call the *emboiado*.

Working the wheel

At this point the next phase in working the clay can start on the potter's wheel. In the case of Bisalhães pottery, it is a low-set wheel on which the potter shapes the earthenware pieces he wants to create. The wheel used by the

Bisalhães potters consists of the following elements:

Quiço - rectangular board on which the *trabulo* is fitted;

Trabulo - piece of wood which functions as an axle, with the pointed top fitting into the *cruz*;

Cruz - wooden slats that intersect in the shape of a cross. At the end of each of the four arms of the cross there is a *pomba*;

Pombas – short wooden rods upon which the wheel itself sits;

Tampo da roda – wooden disc more than twenty centimetres in diameter on which the potter puts the clay he will work with;

Bucha – central bushing underneath the wheel in which the pointed end of the *trabulo* fits;

Agarras – notches in the top disc that allow the wheel to be held in such a way that it is easily moved;

Banca – three legged wooden stool, on which the potter sits to work the wheel;

The majority of potters (as Césario da Rocha Martins and Querubim Queirós Rocha confirm) have already inserted metal ball bearings in their wheels to facilitate the wheel movement and increase its turning speed.

The potter **uses** the following tools to produce his pieces:

Augueiro – clay vessel containing the water needed to wet the hands;

Fanadouro – wooden laths that the potter uses to shape the pieces and lift them from the wheel;

There are two types of *fanadouro*:

Fanadouro de puxar - used to lift the piece off the wheel;

Fanadouro de alisar - used to decrease the thickness of the clay, and to shape and smooth the pieces;

Moca - the long, round stick the potter inserts inside the pieces when he is unable to do it by hand (for example to lift the pitchers or vessels);

Cega - a guitar string, horsehair or sewing thread which, depending on the pieces, the potter uses to separate the pieces of pottery from the wheel. For smaller pieces, the *cega* is a length of sewing thread or even a woman's hair, used to separate pieces such as the chest pots. For the

larger rough pottery, the *cega* is a guitar string.

Marking the pieces of pottery

Generally speaking, the potters do not put maker's marks on the pieces they produce. Of the potters currently working only Querubim Queirós da Rocha engraves the initials of his name on the pieces he makes - "QR" or "R", to which he adds Bisalhães/Vila Real, and Jorge Ramalho usually writes "Olaria Ramalho" (Ramalho Pottery), sometimes adding Bisalhães/Vila Real.

Decorating the pieces

Unlike in the past, both the fine decorative pieces and the coarse *churra*, utilitarian pieces of Bisalhães black pottery are now almost entirely decorated, as mentioned in "*A Louça Preta de Bisalhães*" (Mondrões, Vila Real): "previously, the pottery had very little decoration, but today it is almost entirely decorated, making it more attractive and more in line with the reason people buy it. Nowadays, the pieces are bought more for the beauty of their shape, their decoration and the memory of the art they carry with them, than for the functional use that motivated the potter to create them, some of them for centuries" (Fernandes, Moscoso and Castro, 2009).

The decoration of Bisalhães pottery, virtually unknown until the early 20th century, as well as the creation of decorative pieces, reflected the need felt by potters to adapt their pottery to the taste of consumers, at a time when the sale of utilitarian pieces was dropping due to the appearance of items that served the same needs but were produced from other materials, like plastic. From then until the present day, therefore, the production of decorative pieces has increased, along with the decoration of the utilitarian earthenware that was traditionally free of decorative motifs.

Today, following the tradition of Bisalhães black pottery manufacturing, decorating the pieces is a task that falls to the women - in almost all cases, these women are the wives of the local potters. However, some of the decorative motifs are designed by the potters themselves. The decorative elements included in the pottery by the men, therefore, can be distinguished from those designed by the women.

The men's decorative motifs are generally these:

Estreias - striae inserted using a marker;

Verdugos - the application clay strings or straps;

Bicos - small rounded clay spouts placed in pairs on each side of the bowls as they go into the kiln;

Other decorative elements that require less refinement.

In the past, the pieces were also decorated by potters with mica, or *espelho* (mirror), as it was called, mixing it in the clay, which gave the piece a certain lustre. This decorative feature is no longer in use.

As was mentioned above, the task of decorating the Bisalhães Black Pottery fundamentally rests with the potters' wives, and they are also responsible for the burnishing work, using *gogos* (pebbles from the river), then decorating them when they are half-dry or *moça* (young), as the potters say.

So the women begin by burnishing the pieces in their entirety, leaving them polished. After they are burnished, they start to add decorative motifs inspired by nature, like flowers, leaves and star designs, spirals, and segments of parallel, vertical and oblique lines. Some women are also inspired by motifs they find on embroidered cloths and curtains.

Firing the pottery

The firing process is what makes the production of Bisalhães pottery so unique, given the ancestral technique used, because it is done outdoors in kilns that we could consider as a more advanced form of the old pit kiln (*soenga*). Until a few years ago, the kilns used in Bisalhães still did not have any separation grid between the combustion chamber and the kiln chamber. In "A Louça Preta de Bisalhães" (Mondrões, Vila Real), one of the traditional Bisalhães kilns is described as follows: "[...] it is dug in the ground, about 1.50m deep by 2m maximum diameter, with only the part not buried in the ground, where the mouth of the furnace is located, being visible. This is the only masonry wall the oven has. Above, at ground level, is the mouth of the kiln chamber where the pieces to be fired are placed. The kiln is located on land with a certain incline, alongside a downhill path, which explains the difference in elevation between the mouth of the kiln chamber and the door of the furnace. Inside the kiln there is the *pião* (top), a kind of elbow made of granite, brick and clay, one end of which rests on the ground, the other leaning onto the wall of the kiln where the mouth of the furnace is. This *pião* helps to support and provide a structure for the provisional grid that the potter creates with the *roncas* (clay pieces)" (Fernandes, 2012). The kilns that are used today have had for some twenty years crude iron bars that separate the combustion chamber from the kiln chamber, thus dispensing with the need to place the *roncas* whenever the pottery is to be fired.

Between 5am and 7am on the day set aside for

firing, the potters and their families carry the pieces from the workshop to the kiln, in which the fire is lit, preferably with broom, gorse and pine needles. Initially, the flame is kept low to eliminate the humidity in the oven. Then, several people start the process of building the grid of the kiln consisting of the *roncas*, which serve as a separation grid between the wood burning furnace and the pieces in the kiln. After the construction of the temporary grid, the pieces to be fired are placed upside down (*borcada*) and stacked on top of the *roncas*, starting with the larger pieces and with the smaller ones above them. After stacking the pieces, the potter stokes the fire, adding more wood, to fire them. When the pottery is fully fired, the "smothering" is started, which involves tossing branches of broom and gorse on to the top of the kiln, over the pottery being fired, which further intensifies the heat. Along with these branches, black earth that has already been used before in the kiln, is also piled on to the pieces of pottery, which are covered, thus giving continuity to the firing process, because the wood-burning furnace remains fed. Note that the potter makes a hole in the upper part of the kiln, that functions as a chimney. At a certain point, the potter relies on his experience to determine the time at which to stack pine needles to be burned in the upper part of the chimney, which stokes the fire. Immediately, the potter covers with earth both the flame burning at the top of the kiln and the mouth of the furnace. At this point, the potter takes great care to ensure that all the pieces remain covered with earth so that no oxygen enters the kiln. If this happens, it makes stains appear on the pieces. The pieces of pottery remain smothered like this for some time, and the resultant deprivation of oxygen is what gives them their distinctive black hue. The fire is finally extinguished, and the pottery is uncovered, allowed to cool and cleaned, ready for sale.

Types of pottery made in Bisalhães

There are two types of pieces made in the Bisalhães potteries, according to the purpose for which they are intended. We are referring to the rough utilitarian earthenware, also known as *churra*, and the decorative pieces that the potters also call "fine" earthenware.

Currently, the potters tend to give priority to the manufacture of decorative pottery, since the utilitarian pieces were gradually replaced during the 20th century with articles with the same purpose but in cheaper and longer-lasting materials. However, the potters of Bisalhães still make significant quantities of certain utilitarian pieces, particularly bowls used for baked rice and roasting dishes. The attached table identifies the pieces made in Bisalhães, with a description of the type and purpose (see Annex II-5).

As for the decorative pottery, jars and pots, as well as piggy banks, stand out from amongst the other pieces produced by the potters.

The utilitarian earthenware is, of course, closely linked to the region's production activities and cuisine. Since agriculture was the basic livelihood of families from Bisalhães and the surrounding areas for a long time, including the families of the potters themselves, as already mentioned, the potters produced from early on pieces that would help them perform some of the tasks in the fields. Mugs, cups, large and small tankards and bottles all enabled water and wine to be carried, stored and drunk. The olives harvested and the olive oil produced from them were stored in *tanhas* (vessels), which were also used to store honey or even sausages. The thick walls of these vessels, together with their shape and height, helped the produce to remain fresh, since they were inaccessible to the small animals in the places where they were stored. And the food was also frequently cooked in utensils made of black pottery. Bowls and roasting dishes for baked meat or fish and rice; braziers for roasting chestnuts in the autumn; and even *covilhetes*, small pie dishes that have given their name today to the famous pies stuffed with minced veal that are typical of Vila Real.

Currently, black pots are still used for cooking, albeit mainly in rural areas, and to a lesser extent by people who still recall the food cooked by their families in the old days. The local restaurants show a lot of interest in the use of black earthenware, although it is mainly reserved for bringing the meals to the table.

Bisalhães black pottery today plays an important role as a "visiting card" for Vila Real, since it is very popular with tourists visiting the city. Indeed, it is this interest that means that almost all the pieces produced by the potters are decorated, whether they are clearly decorative or, judging at least from their type, utilitarian pieces.

Sealing the earthenware

Due to its porosity, Bisalhães pottery is usually sealed before being used. However, various techniques and materials are used for waterproofing. Some people smear the inside of the piece with olive oil, others use beeswax outside or inside the piece, and still others use water and bran.

Selling the pottery

Currently Bisalhães pottery is sold principally from the workshops located at the entry points to Vila Real or from the potters' homes and workshops in Bisalhães. The potters also say that the Festival of S. Pedro in Vila Real is still profitable for them. Potters Querubim Queirós

Rocha and Cesário da Rocha Martins regret not being able to go to the Festival for health and family reasons.

However, in the past, potters recounted that, in their youth, like their forefathers, they went from place to place with their parents and siblings, walking barefoot, to sell the earthenware throughout the Douro region, south of the district of Vila Real to the northern area of Viseu.

In fact, despite the harshness of the work involved in the many stages of the manufacture of Bisalhães pottery, the suffering inherent in the process of selling their wares traditionally employed by the potters and their families took on inhumane proportions. It should be mentioned here that, by the middle of last century, the sale of the pottery was done not only by the potters, but also by their wives, who travelled to towns and villages in the region that were maybe forty or fifty kilometres away from Bisalhães, such as a number of towns in the wine region of Alto Douro. They carried the earthenware pieces in baskets weighing dozens of kilos, balanced on their heads to make walking easier. Without money to pay for road or rail transport, they went by foot - and often barefoot - using steep, rugged mountain paths, both in summer and winter. Sales were made in many villages spread across the Douro region, as well as in some of the major markets in the area, such as Vila Real, Régua, Senhora do Viso, Santa Marta de Penaguião and Santo André, in Mesão Frio. The work by Maria Emilia Campos and Duarte Carvalho entitled "Bisalhães - Anatomy of a People" provides a number of enlightening and poignant testimonials about the task of selling Bisalhães pottery. By way of example, we can quote the statements of Dona Lúcia, wife of the old potter Lucílio Fernandes:

"We would go to sell them in Abaças and Guiães. We would go one day, and come back the next. In those days, there were no roads. We would go through the mountains. Very few people had the money to buy aluminium, so they all cooked in clay pots. The oldest pots were made of clay. In Abaças, we would stay in the house of Dr. Madeira Pinto. It was his sister, Dona Luísa, a single lady, who ran the house. They would buy from us from small pots (bowls) to wide bottomed pans, to take to the farms. They would pay us in olive oil. Dona Maria José, the mother of Dr. Sanfins, would give us 20 litres of olive oil when she only had to give us 15. Dona Rosinha, the mother of Mr. Nicolau, also bought from us. We would also go to Galafura on foot. There were others who would go to other places. Lucílio's father had a horse and they would go to Leirós and S. Martinho. In Guiães, there was a square, and we would go there on Saturday or Sunday when the workers had been paid. We would also go to Ordonho and Gouvinhas on foot. On the

slopes of Abaças there were only oak and pine woods. There were no roads; just hills and valleys. We always walked barefoot, sometimes with our feet bleeding. We would also return laden with potatoes, olive oil and broad beans".

Testimonies of this kind give meaning to the words of Miguel Torga, in the book *Traço de União*: "[...] The black pottery that this potter from Bisalhães sold us is not, as it appears, just kneaded and fired clay: it is the dark side of hunger in his sad and stoic expression".

Associated events: Vila Real's Festival of S. Pedro, also known as the Feira dos Pucarinhos, is inextricably linked to Bisalhães pottery. Each year, on 28 and 29 June, the potters of Bisalhães spread their earthenware out in Rua Central, also known as Largo da Capela Nova, to sell the pieces they have produced. The people of Vila Real and neighbouring towns flock in large numbers to this market, which is one of the city's and the region's most popular festive events. Another tradition is for groups of people to buy a piece of pottery from the potters, then form a circle and toss it to each other. Anyone who drops a piece, making it break, is obliged to buy another so that the game can continue. In Vila Real, this tradition is known as the "Jogo do Panelo".

Transmission context: Active transmission status
Description: Currently, the manufacture of black pottery is active in the village of Bisalhães, but is limited to five potters, all residing in Bisalhães, in the Parish of Mondrões, Municipality of Vila Real, District of Vila Real.

The Bisalhães black earthenware tradition is inactive in the villages of Lordelo, Parada de Cunhos, Mondrões and Vila Marim.

Traditionally, the transmission of know-how inherent in the production of Bisalhães pottery is made in the family context. Potters pass down their knowledge to their children and grandchildren, just as they received it from their parents and grandparents. These potters do not show much willingness to pass on their knowledge outside their immediate family. According to the currently active potters themselves, they have all tried to pass their craft on to their children and grandchildren. However, they say that the younger generations do not show any willingness to learn how to make the pottery, because it is a demanding job from a physical point of view, both for men and women. The increase in the level of education of the new generations has enabled the descendants of the potters to find professional work that does not require them to work with clay. We can therefore conclude that the new generations have only a little knowledge and few technical skills that would be insufficient to undertake any production activity. The exception to this rule is the potter Jorge Ramalho, aged 46, the son of Sesiznando

Ramalho, who has dedicated himself full-time to making Bisalhães pottery for about three years. He is the youngest working potter because the age of the others currently ranges from 74 to 81. Also worth mentioning, is the young Miguel Fontes, the grandson of potters, who has tried to deepen his knowledge and improve his technique, and has already made some pieces typical of this type of pottery.

None of the potters mentioned share their knowledge with each other, and a certain rivalry between them is even noticeable.

Date: 31-12-2014

Method of transmission: oral

Language(s): Portuguese

Transmission agents: The potters themselves

Origin/History: An analysis of the current literature indicates that pottery has been produced in this clay-working area in a number of small villages adjacent to the city of Vila Real, such as Mondrões, Lordelo, Vila Marim, Parada de Cunhos and especially Bisalhães, at least since the 16th century. The charter of Lordelo, of 12 November 1519, provides information on the taxes payable by potters. This pottery, which traditionally comprised articles of a utilitarian nature such as jars, jugs, bowls, pots, pitchers, ewers, large and small tankards, coffee jars, pie dishes and "secret" pipes, and decorative pieces such as tea sets, miniatures and chest pots, was - and still is - sold in the city of Vila Real, at the Feira dos Pucarinhos, which is held every year on 29 June, St. Peter's Day, and a number of towns in the Douro region throughout the year.

However, if we take into account the study *Olaria de Bisalhães – Caderno de Especificações para Certificação* (The Pottery of Bisalhães - Specifications for Certification), by Graça Ramos (CRAT) and Alberto Tapada (AETUR), published in 2006, it is plausible that the making of pottery in this area has more ancient origins. It is a topic that warrants further investigation, because the primary focus of the studies produced so far has not been on this aspect. Recent archaeological work in the Vila Velha (Old Town, the original heart of the city of Vila Real) in 1995 and 1996 and between 2002 and 2004, and later up to 2008 under the Polis Programme, has enabled fragments of pottery to be collected that suggest the possibility that it originates from this pottery centre, given the similarities with the pottery produced here.

(...)